

**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

Avaliação,
Políticas
e Expansão
**da Educação
Brasileira 8**

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 8

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A945	Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 8 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 8) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-465-8 DOI 10.22533/at.ed.658191007 1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 379.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONSTRUÇÃO DA PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA DA UNIPAMPA NOS PRIMEIROS ANOS DE CRIAÇÃO - VISÃO INSTITUCIONAL	
Caren Rossi Alzira Elaine Melo Leal Katiane Rossi Haselein Knoll	
DOI 10.22533/at.ed.6581910071	
CAPÍTULO 2	15
A GUERRA DO CONTESTADO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA APROXIMAÇÃO INDISPENSÁVEL NO MEIO-OESTE CATARINENSE	
Marco Andre Serighelli Vanessa Wegner Agostini	
DOI 10.22533/at.ed.6581910072	
CAPÍTULO 3	25
A PRIMEIRA IMPRESSÃO, OS DEVANEIOS EM BACHELARD E UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO	
Rafael Augusto Valentim da Cruz Magdalena Luciane de Souza Oliveira Valentim Elaine Cristina Balancieri Pereira André Augusto Gutierrez Fernandes Beati	
DOI 10.22533/at.ed.6581910073	
CAPÍTULO 4	33
AS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE BOURDIEU PARA A EDUCAÇÃO	
Bianca Cristina dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6581910074	
CAPÍTULO 5	41
CARACTERIZAÇÃO DE PARÂMETROS (INDICADORES) EM COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO (COINFO): ESTUDO DE CASO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA COM O USO DE ABORDAGENS QUALITATIVAS	
Marcia Rosetto Regina Célia Baptista Belluzzo	
DOI 10.22533/at.ed.6581910075	
CAPÍTULO 6	53
DIÁRIO, CARTAS E CADERNOS: UMA ANÁLISE DOS ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS DAS PRINCESAS ISABEL E LEOPOLDINA	
Jaqueline Vieira de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.6581910076	
CAPÍTULO 7	70
ECOS MORAIS E CÍVICOS: UMA ANÁLISE DO AMBIENTE DE UMA BANDA MARCIAL EM TEMPOS DE DITADURA	
Rafael Montoito Rafael de Souza Velasco	
DOI 10.22533/at.ed.6581910077	

CAPÍTULO 8	84
EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA: A POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO SOCIAL	
Patricia Melo Magoga Darcísio Natal Muraro	
DOI 10.22533/at.ed.6581910078	
CAPÍTULO 9	96
GRUPO PET-GEOLOGIA E O MUSEU DE GEOCIÊNCIAS NA ATUALIZAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GEOLOGIA DA UFPA	
Rosemery da Silva Nascimento Carlos Andrei Pedroso Da Silva Gabriel Silva De Araújo Pontes	
DOI 10.22533/at.ed.6581910079	
CAPÍTULO 10	108
HISTORIA DA ESCOLAS PÚBLICAS CARIOCAS: DESAFIOS DA EXPANSÃO NOS BAIRROS DA GAVEA E URCA	
Rosimeri da Silva Pereira Arlindo Carlos Silva da Paixão Franklim Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.65819100710	
CAPÍTULO 11	117
MAPEAMENTO HISTÓRICO DA VINCULAÇÃO DE RECURSOS PARA O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	
Edugas Lourenço Costa Rafael Pavan	
DOI 10.22533/at.ed.65819100711	
CAPÍTULO 12	131
O PATRIMÔNIO CULTURAL NO CONTEXTO DAS NOVAS RURALIDADES DO SEMIÁRIDO NORDESTINO	
Gerciane Maria da Costa Oliveira Kyara Maria de Almeida Vieira Gionara Bruna Alves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.65819100712	
CAPÍTULO 13	143
O USO DE DOCUMENTÁRIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO CONTEÚDO DE RELAÇÃO	
Lóren Grace Kellen Maia Amorim Maria Teresa Menezes Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.65819100713	
CAPÍTULO 14	153
OLHARES - A FOTOGRAFIA E OS ESPAÇOS URBANOS NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ESPACIAL: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Fátima Aparecida da Silva Faria Galvão dos Santos Erik Armando Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.65819100714	

CAPÍTULO 15	164
PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE TRABALHO DOCENTE	
Solange Martins Oliveira Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.65819100715	
CAPÍTULO 16	177
SOBRE AS UNIVERSIDADES: UM ESTUDO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ	
Oscar Edgardo N. Escobar	
DOI 10.22533/at.ed.65819100716	
CAPÍTULO 17	186
TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E A ESPECIFICIDADE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR	
Taira Carvalho Assis	
Laís Leni Oliveira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.65819100717	
CAPÍTULO 18	202
TRANSFORMAÇÕES EDUCACIONAIS NO SÉCULO XX: APONTAMENTOS SOBRE AS POLÍTICAS SOCIAIS E EDUCACIONAIS	
Helen Barbosa Raiz Engler	
Leonardo Henrique Cardoso de Andrade	
Tatiana Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.65819100718	
CAPÍTULO 19	209
UMA ANÁLISE DA ATUAL EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA	
Edelvar Vicente Rippel	
Millais Lariny Soares Rippel	
DOI 10.22533/at.ed.65819100719	
CAPÍTULO 20	219
UMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO DE DAVID HUME E RENÉ DESCARTES	
Ana Cristina da Silva Brito	
Kelei Zeni	
Eliane de Fátima Triches	
DOI 10.22533/at.ed.65819100720	
CAPÍTULO 21	228
BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: APONTAMENTOS À LUZ DE FOUCAULT	
Adriana Martins de Oliveira	
Francismeiry Cristina de Queiroz	
Raquel Martins Fernandes Mota	
DOI 10.22533/at.ed.65819100721	
CAPÍTULO 22	240
VIOLÊNCIA ESCOLAR: DESAFIOS EM CURSO NA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI	
Vanessa Gonçalves da Silva	
Cleide Ester de Oliveira	
Veralúcia Guimarães de Souza	
Francisco Carlos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.65819100722	

CAPÍTULO 23 253

VIOÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS QUE POSSIBILITAM ESSA PRÁTICA

Maria Goretti Rodrigues de Sousa Oliveira

Maria Aparecida Pereira

Maria de Fátima Leite Gomes

DOI 10.22533/at.ed.65819100723

SOBRE O ORGANIZADOR..... 262

VIOLÊNCIA ESCOLAR: DESAFIOS EM CURSO NA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI

Vanessa Gonçalves da Silva

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso IFMT Cuiabá-MT

Cleide Ester de Oliveira

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso IFMT Cuiabá-MT

Veralúcia Guimarães de Souza

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso IFMT Cuiabá-MT

Francisco Carlos de Oliveira

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso IFMT Cuiabá-MT

RESUMO: As atitudes de violência no ambiente escolar afetam a integridade física e psíquica contribuindo para um mau aprendizado. Este trabalho tem como objetivo geral identificar e analisar as ocorrências de *bullying* a partir das práticas discursivas dos estudantes que o sofreram ou o sofrem. Tomamos como embasamento teórico a arqueogenealogia formulada por Michel Foucault para compreender as categorias teóricas: discurso, poder/saber/verdade e normatização. Adotou-se a abordagem qualitativa, tendo como *corpus* para a análise os textos produzidos pelos estudantes do ensino médio de uma escola pública. Para analisar o material, utilizamos a Análise do Discurso (AD) (Gregolin, 2004),

cuja proposta de análise foi delineada a partir das teorizações de Foucault e tem como base as seguintes categorias: Quem fala? De onde fala? Que efeitos de sentido geram? Que discursos aparecem (enunciados, contradições, repetições, regularidades)? A partir de que grande acontecimento os discursos emergem? A partir dos discursos analisados, são identificados sentimentos de aversão, rejeição e, conseqüentemente, exclusão.

PALAVRAS-CHAVE: violência escolar; bullying; discursos; exclusão; normatização

SCHOLAR VIOLENCE: CURRENT

CHALLENGES IN THE EDUCATION OF THE 21ST CENTURY

ABSTRACT: Attitudes of violence in the school environment affect physical and mental integrity, contributing to poor learning. This work has as general aim to identify and to analyze the occurrences of bullying, from the students' discursive practices who suffered or suffer bullying at school. We take as theoretical basis an archaeogenealogy formulated by Michel Foucault to understand the theoretical categories: discourse, power / knowledge / truth and normatization. A qualitative approach was adopted for analyzing the *corpus*, the texts produced by high school students of a public

school. For analyzing the material, we used Discourse Analysis (AD) (Gregolin, 2004), her analysis was proposed based on theories of Foucault who proposes the following categories: Who speaks? Where are you talking from? What effects of meaning do they generate? What discourses appear (statements, contradictions, repetitions, regularities)? What great event do speeches emerge from? From the analyzed discourses, feelings of aversion, rejection and, consequently, exclusion are identified.

KEYWORDS: scholar violence; bullying; discourses; exclusion; normatization

1 | INTRODUÇÃO

A escola é, depois da família, o mais importante ambiente de socialização. É o espaço onde as crianças e os jovens passam boa parte do tempo e a sua função é educar, proteger e aprimorar seus estudantes no que se refere aos valores, ao respeito, ao exercício da cidadania e ao direito de todos. No entanto, esse é um desafio que não tem sido fácil de enfrentar, já que os índices de violência, de norte a sul do país, são cada vez maiores no contexto da escola brasileira.

É visível como os casos de violência nas escolas têm sido destaques na imprensa em todo o Brasil. As atitudes de violência no ambiente escolar afetam a integridade física e psíquica, contribuindo para um mau aprendizado e, às vezes, trauma por toda a vida na pessoa que sofreu ou ainda sofre essas agressões. Assim, alguns autores (Abramovay & Rua, 2002; Abramovay & Castro, 2003; Abramovay & Castro 2006), têm se debruçado nas investigações sobre o tema. Este tema que é pesquisado por diversas áreas do conhecimento e está inserido no campo de atuação do GPHSC – Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT, campus Cuiabá Bela Vista. O GPHSC é cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), há dez anos, cuja pesquisa, “Violação dos Direitos Humanos e Bullying no contexto escolar: diagnóstico e proposta de intervenção com base no empoderamento dos estudantes”, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 60165016.0.0000.5165/ Número do Parecer: 2.110.377), e sua primeira etapa ocorreu no período de agosto de 2016 a agosto de 2018.

Um estudo realizado pelo MEC em parceria com a UNESCO, no ano de 2003, mostra que a violência no ambiente escolar foi crescente nesses últimos anos. Os atos delituosos e as pequenas e grandes demonstrações de incivildades nas escolas chamam a atenção e provocam um sentimento de insegurança na comunidade escolar (Abramovay & Castro, 2003). Para esta autora, a escola não representa mais um espaço seguro de integração social, de socialização, pois deixou de ser um espaço resguardado, uma vez que se tornou cenário de ocorrências violentas.

São vários os aspectos a serem analisados para entender as formas de violência escolar e as causas. De acordo com Abramovay & Castro (2003), é preciso levar em consideração os fatores exógenos e endógenos, ou seja, o ambiente fora e dentro das escolas. Entre os aspectos externos, a autora indica que as questões que se põem

em relevo são as de gênero (masculinidade/feminilidade), relações raciais (racismo, xenofobia), situações familiares (características sociais das famílias), influência dos meios de comunicação (rádio, TV, revistas, jornais etc.) e o espaço social das escolas (o bairro, a sociedade).

A partir da problematização explicitada até o momento, considera-se de grande relevância estudar sobre o tema e procurar respostas para as questões da violência escolar que cotidianamente se vê nos noticiários, pois segundo Abramovay & Castro (2003), a violência escolar é um fenômeno preocupante porque atinge todos os envolvidos: agressores, vítimas e os que assistem a essa violência e, sobretudo, retira da escola o seu objetivo principal que é a promoção de conhecimento, de formação do ser, de educação, como veículo, por excelência, do exercício e aprendizagem, da ética e da comunicação por diálogo e, portanto, antítese da violência.

1.1 O conceito de violência escolar

Nesse cenário, faz-se necessário entender o conceito de violência. A violência na escola é um tema abrangente, pois sua tipificação é bem variada. Abramovay e Castro (2006) definem violências como atos reais que são visíveis, pois sangram, afetam órgãos, ressoam gritos e resultam em pessoas desfiguradas, ou seja, provocam dor, porém, de acordo com a autora:

nem todas as dores são físicas e, não necessariamente, todos sentem a dor com a mesma intensidade e da mesma maneira, pois em cada época e em cada sociedade as representações e os sentimentos em relação à violência variam. E o mais complexo, em certos contextos, o que é terrível a um olhar estrangeiro, embasado em princípios de ética universal, não são tidos como violências pelos que dela padecem, pois faltariam parâmetros, condições materiais, conhecimentos possíveis sobre outros horizontes, como a possibilidade de ser sujeito de direitos (p. 3).

Por outro lado, Charlot (apud Abramovay & Castro, 2006) classifica a violência escolar em três níveis: a violência representada por golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos e as incivildades caracterizadas por humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito e a violência simbólica.

Para Ansart (2005), a humilhação é uma experiência de impotência. O autor explica que:

Ser humilhado é ser atacado em sua interioridade, ferido em seu amor próprio, desvalorizado em sua autoimagem, é não ser respeitado. O humilhado se vê e se sente diminuído, espoliado em sua autonomia, na impossibilidade de elaborar uma resposta, atingido em seu orgulho e identidade, dilacerado entre a imagem que faz de si e a imagem desvalorizada ou difamante que os outros lhe infligem (p. 15).

Por isso, não só no Brasil, mas em diversos países, os pesquisadores buscam conceituar a violência levando em conta a população alvo, ou seja, os jovens e o lugar da escola como instituição (Abramovay & Castro, 2006). Diante disso, resumidamente, pode-se dizer que a violência “é todo ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força. Nega-se, assim, a possibilidade da relação social que se instala pela

comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito.” (Sposito, 1998, p. 60 *apud* Abramovay & Rua, 2002)

1.2 O *bullying*

Convém trazer à baila neste estudo, o termo *bullying*, já que este será o recorte desta pesquisa. Embora não seja um fenômeno novo, pois é do conhecimento de todos que sempre existiu dentro da escola, o termo pertence à língua inglesa, passou a ser usado no Brasil recentemente e tem sido objeto de estudos acadêmicos. O vocábulo só se tornou conhecido no Brasil por conta dos estudos acadêmicos iniciados nos Estados Unidos, nos anos 70. O significado da palavra *bullying* está relacionado com situações de abuso e de intimidação que ocorre dentro ou fora da escola, ou seja, se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem que este tenha a possibilidade ou capacidade de se defender. Ocorre em uma relação desigual de forças ou de poder (Eljach, 2011).

Lemos (2007) explica que dentro da escola essa forma de agressão é dissimulada e tem consequências graves, pois os danos na vida dos envolvidos são irreversíveis e podem “destruir-lhes a saúde psicológica e física, além de consequências, como rebaixamento da autoestima, de depressão e de marginalização, também, pode estimular desejos e atitudes de suicídio e de assassinatos” (p.68). O agressor, segundo a autora, costuma estar em uma relação frente à vítima, dirigindo-lhe “ameaças, intimidações, apelidos maldosos, gozações, ofensas, intrigas, xingamentos, agressões físicas, discriminação, constrangimentos, perseguições, chantagem, dentre outros” (p. 72).

Ao considerar a gravidade do problema, em 2011, a UNICEF publicou um estudo sobre violência escolar na América Latina e no Caribe. Este estudo mostra que a violência psicológica contra crianças e adolescentes e entre pares foi intensificada nos últimos tempos, principalmente, as formas de violência relacionadas aos usos da tecnologia da comunicação e da informação. O referido estudo evidencia o Brasil como um país onde o *bullying* é uma ocorrência comum.

2 | TEORIZAÇÃO

A partir das categorias teóricas: discurso, poder/saber/verdade e normatização, o presente estudo tem a finalidade de analisar as práticas discursivas dos estudantes que sofreram ou sofrem o *bullying* na escola e como isso reflete no seu estado psíquico.

2.1 Discurso

No edifício teórico da análise do discurso, é ponto fundamental trazer os conceitos formulados por Michel Foucault (1970/2008) no plano discursivo, uma vez que o autor

deixa claro que o discurso luta pelo poder na sociedade, além de traduzir as lutas ou os sistemas de dominação, e é também a luta pelo poder do qual se quer apoderar.

Nesse sentido, o que está na base desse conceito é a ideia de que em toda sociedade há um certo número de procedimentos que controlam, selecionam, organizam e redistribuem simultaneamente a produção do discurso

(Foucault, 1970/2008). A função desses procedimentos é a de “conjurar seus poderes e perigo, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (p. 9).

Em nossa sociedade existem procedimentos de exclusão. A interdição é apontada por Foucault (1970/2008) como a mais conhecida. A palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade são os três sistemas de exclusão que afetam o discurso. Porém, para dar legitimidade a esses sistemas de exclusão, a vontade de verdade foi a mais enfatizada (Foucault, 1970/2008) e tanto ela quanto outros sistemas de exclusão têm como apoio as instituições, pois, através de um conjunto de práticas, dentre elas a pedagogia, os sistemas de livros, as bibliotecas, as sociedades antigas e os laboratórios de hoje os reforçam e os reconduzem simultaneamente. Além disso, segundo o autor, esse sistema é reconduzido, também, pela forma como o saber é administrado em uma sociedade, como é valorizado, dividido e de certa maneira distribuído.

O presente estudo tem como pressupostos teóricos e metodológicos a Análise do Discurso (AD). No livro *Arqueologia do Saber*, Michel Foucault (1969/2008) concebe que é preciso acolher o discurso em sua dimensão de acontecimentos, isto é, cada texto, cada palavra, por mais que se aproximem de outros, nunca são idênticos aos que os precedem.

Essa perspectiva, conforme Gregolin (2007), tem como objetivo “analisar as condições que permitem o aparecimento de certos enunciados e a proibição de outros” (p.15). Outro fato explicitado por Gregolin (2005) nas práticas de análise de discurso, é que:

Todo discurso é fundamentalmente heterogêneo e está exposto ao equívoco porque se relaciona sempre com um discurso-outro. A possibilidade de interpretar existe exatamente por causa dessa alteridade nas sociedades e na história, que possibilita a ligação, a identificação e a transferência. (p. 15)

A análise arqueológica focaliza na dimensão de exterioridade dos discursos e busca suas condições de existência nas práticas discursivas, que são também práticas sociais. As práticas discursivas produzem saberes de diferentes tipos que as caracterizam e delimitam suas especificidades (Foucault, 1969/2008).

De acordo com esse autor, para compreender por que apareceram em certo tempo e lugar uma ciência, uma teoria, um conceito, valores, verdades, etc., é preciso atentar para as relações sociais que os tornaram discursos enunciáveis e visíveis, ou seja, situá-los em determinadas relações de poder. Nesse sentido, o saber se liga ao poder. Em síntese, analisar discursos significa, de acordo com Gregolin (2007), “tentar

compreender a maneira como as verdades são produzidas e enunciadas” (p.15).

Nessa perspectiva, a análise enunciativa é uma análise histórica e só pode se referir às coisas ditas, ao que foi pronunciado ou escrito, às performances verbais realizadas, pois a análise é feita no nível de sua existência e só se pode descrever as coisas ditas porque foram ditas (Foucault 1969/2008). O conceito de discurso carrega em seu bojo a ideia de práticas discursivas, pois é nelas que o discurso se materializa. Foucault chama de práticas discursivas um conjunto de regras anônimas, históricas e determinadas no tempo e no espaço, que definem, em uma época dada, as formas como se devem enunciar os discursos.

3 | METODOLOGIA

Nesta pesquisa, adotou-se a abordagem qualitativa, uma vez que, segundo Minayo (2010), essa abordagem “se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (p. 57). De acordo com essa autora, o método qualitativo é o que se adapta às investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações, de discursos e de documentos. Assim, este trabalho é recorte de um projeto de pesquisa em andamento em quatro escolas (três públicas e uma privada) e se caracteriza como descritivo/interpretativa, balizada com instrumentos de geração de dados primários. Neste caso, para a análise das práticas discursivas, foram utilizadas somente as questões abertas do questionário. Ressalta-se que dados primários, segundo Andrade (2003, p.125), são aqueles coletados “diretamente no local de ocorrência dos fenômenos”, ao passo que os dados secundários provêm de outras fontes.

A pesquisa qualitativa, segundo Deslandes (1994, p.22), “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, representações, valores e atitudes”. Isso implica estudo do mundo dos significados das ações e relações humanas, não tão perceptíveis e não tão captáveis com outro método de pesquisa. Assim, essa metodologia de pesquisa concebe a linguagem, as práticas e as coisas como inseparáveis, pois procura trabalhar com a vivência, com a experiência, com o dia a dia, com a compreensão das estruturas e instituições como resultantes da ação humana.

André (1995, p. 17) define pesquisa qualitativa como “o estudo do fenômeno em seu acontecer natural”, levando em consideração todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. Isso endossa a importância da pesquisa qualitativa para o estudo de representação discursiva e social de alunos de ensino médio.

Nesse caso, Deslandes (1994), ao professar os pensamentos de Lévi-Strauss, argumenta que “numa ciência onde o observador é da mesma natureza

que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação”. Deslandes deixa clara a existência de uma identidade entre sujeito e objeto, pois “a pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, que os torna solidariamente imbricados e comprometidos” (Deslandes, 1994, p.14).

Afirmar que o pesquisador é neutro dentro desse contexto de pesquisa é negar a capacidade humana que o retrata em seu percurso diário. Sua ideologia está presente em suas ações. Dessa forma, o olhar que se dá ao objeto veicula interesse e visões de mundo, historicamente construídos pelos atores sociais, participantes e pesquisador, considerados, neste trabalho, como colaboradores.

O trabalho de investigação pautado na pesquisa qualitativa promove um grande debate na academia acerca de validade e de controle de variáveis, pois parece começar, segundo Denzin & Lincoln (2006, p.389), “pelo distanciamento das narrativas e dos paradigmas únicos, de maior abrangência, ontológicos, epistemológicos e metodológicos”. Esse distanciamento ocorre porque alguns pesquisadores que trabalham com a pesquisa qualitativa acreditam em uma política de libertação. Assim, procuram estudar o mundo a partir da perspectiva dos indivíduos ou dos grupos que foram marcados pelas forças ideológicas, econômicas e políticas de uma sociedade ou de um momento histórico (Denzin & Lincoln, 2006, p.390).

Diante desse contexto, Denzin & Lincoln (2006, p.389) esclarecem que os praticantes da pesquisa qualitativa “são suscetíveis ao valor da abordagem de múltiplos métodos, tendo um compromisso com a perspectiva naturalista e a compreensão interpretativa da experiência humana”, por isso ela é definida por uma série de tensões e contradições. Afirmam os dois autores (p.391) que, no presente, a pesquisa qualitativa continua com quatro pontos principais em discussão: primeiro, “o pesquisador qualitativo não é um observador objetivo, oficial, politicamente neutro, que está fora ou acima do texto”. Segundo, os estudos de Bruner (1993, p.1) asseveram que “o pesquisador qualitativo tem uma posição histórica e situa-se localmente [como] um [observador] extremamente humano”. Terceiro, ainda, a partir das discussões de Bruner, veem que o “significado é plural, aberto e a política perpassa todo relato”. Quarto, “uma maneira correta de conceituar a investigação qualitativa é como um projeto cívico, participativo, colaborativo, que faz com que o pesquisador e os pesquisados envolvam-se em um diálogo moral contínuo”.

Nessa perspectiva, Bauer & Allum (2003, p.19) defendem a necessidade de o pesquisador distinguir quatro dimensões que descrevem o processo de pesquisa. Primeiro, é necessário o delineamento da pesquisa de acordo com seus princípios estratégicos. Segundo, há os métodos de coleta de dados, tais como, a observação, a entrevista e a busca por documentos. Terceiro, há os tratamentos analíticos dos dados, tais como, a análise de conteúdo, a análise retórica, a análise de discurso e a análise estatística. Finalmente, os interesses do conhecimento referem-se à classificação

de Habermas sobre o controle, a construção de consenso e a emancipação e “empoderamento”.

Dessa forma, a pesquisa por ora apresentada, procura seguir as quatro dimensões destacadas acima, o que pontualizamos no Quadro 1.

1º	O delineamento da pesquisa
2º	Os métodos de coleta
3º	O tratamento dos dados
4º	A importância do conhecimento gerado

Quadro 1 – Dimensão do processo de pesquisa segundo Bauer & Allum (2003, p.19)

Primeiro, o delineamento da pesquisa perpassa a descritivo/interpretativa. Segundo, o método de coleta é questionário com questões fechadas e abertas, por ora usadas apenas as questões abertas. Terceiro, os dados são tratados sob o olhar da Análise de Discurso. Quarto, os interesses em todo esse conhecimento referem-se às categorias teóricas: discurso, poder/saber/verdade e normatização.

3.1 O corpus

Este trabalho apresenta o recorte de uma pesquisa que está sendo realizada em quatro escolas de ensino médio que permeiam o ambiente educacional de Cuiabá em Mato Grosso. Foram selecionados os textos produzidos pelos alunos do questionário aberto apenas de uma das escolas. Assim, puderam-se observar os discursos que emergem das práticas discursivas dos estudantes que sofreram ou sofrem *bullying* no contexto desta escola.

3.2 Procedimentos

Após a aplicação de um questionário com perguntas fechadas e duas abertas:

1. Você já sofreu ou viu alguém sofrer Bullying na escola? Relate o ocorrido.
2. Você tem alguma sugestão para acabar com Bullying?

Para este trabalho foi escolhida a pergunta 1, já que a outra pergunta não contempla o objetivo da pesquisa deste trabalho. Escolheram-se os textos que mais representavam o universo do contexto por ora estudado. Os textos foram transcritos sem identificação e em sua originalidade.

3.3 Participantes

Os participantes são alunos de uma turma de segundo ano do Ensino Médio do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – Campus Cuiabá Bela Vista (IFMT), na faixa etária entre 16 e 18 anos, em sua maioria, pertencentes à classe média.

3.4 Análise De Dados

Para analisar as práticas discursivas de ocorrência de bullying em contexto escolar neste trabalho, utilizaremos a AD (Gregolin, 2004), cuja proposta de análise tem como base as seguintes categorias: Quem fala? De onde fala? Que efeitos de sentido geram? Que discursos aparecem?

4 | ANALISANDO OS DADOS

Serão apresentadas a seguir a descrição e análise dos dados. Para tanto, alinhavamos a discussão a partir do objetivo da pesquisa: identificar e analisar as ocorrências de *bullying*, a partir das práticas discursivas dos estudantes que o sofreram ou o sofrem no contexto da escola. Procurou-se confrontar os diálogos entre discursos, teóricos e o que a literatura trata a respeito do tema, em busca das suas correlações.

Identificou-se que a prática de bullying relacionada à aparência física e sexualidade são as mais recorrentes. Vejamos:

“Eu já sofri bullying sempre fui um pouco acima do peso e isso fez com que alguns alunos da escola começassem a inventar apelidos de mal gosto e isso acabou me deixando um pouco mal. Tenho as vezes alguns distúrbios alimentares e nunca confio em mim mesma”.

“Já vi minha irmã sofrer bullying, por ser gordinha e porque usava tampão, e com isso as crianças chamavam ela de pirata, de bujão, de tantas coisas... que ela chegava chorando em casa falando que não iria mais, nisso ela ficou 2 meses sem ir pra aula”.

“Nunca sofri, não que eu me lembre, mas várias vezes vi pessoas olhando feio para pessoas com pele escura e até mesmo negros. Outra situação são com pessoas gordinhas”.

“Sim. Devido as minhas características físicas, principalmente, no que diz respeito ao meu cabelo e nariz, muitos “colegas de classe” não me deixavam concentrar na sala de aula, até som de apelidos acompanhados de objetos atirados na minha pessoa pelos os mesmos”.

“Faziam bullying comigo quando eu era mais nova, porque eu era muito magra e alta, dai me chamavam de vareta, palito, perna longa e sempre faziam mesmo quando eu pedia para parar, diziam que era brincadeira, mas eu não achava isso nem um pouco legal”.

“Maltratavam um colega por conta da sua raça/cor”.

“Já vi alguém sofrer bullying na escola por conta da sua orientação sexual”.

“Quando mais nova, eu tinha um problema de má formação nas pernas, assim não me permitiam fazer nenhum exercício físico, assim meus colegas riam de mim, e colocavam apelidos maldosos”.

“Sim, nesse ano vi algumas meninas da sala querendo crescer em cima do outro

só porque veio do interior e vestia bota, fivela.... Outra situação são zoeiras nas redes sociais que houve ano passado onde falaram dos dentes de uma caloura e mentiram sobre um professor”.

“Já, quando entram alunos novos, os veteranos insultam os calouros”.

“Sim, com uma amiga estavam agredindo-a verbalmente apenas porque não tinha um celular com redes sociais, achei muito besta o que estavam fazendo e acabei entrando na conversa e defendendo minha amida ai elas pararam”.

Em um primeiro momento, cabem-nos situar os participantes e os lugares discursivos, entendendo lugar não no sentido geográfico, mas como um espaço em que se implicam mutuamente as relações de saber/poder/verdade (Foucault, 1969/2008).

A relação da posição do sujeito com os lugares institucionais, conforme explica Foucault (1969/2008), é que define o sujeito, ou seja, o lugar de onde fala. O lugar discursivo de onde os sujeitos falam remete a duas situações, ou seja, temos o sujeito que pratica o *bullying* na escola e o sujeito que o sofre. O lugar social de onde os estudantes que sofrem o *bullying* falam, não é um lugar de empoderamento, mas de fragilidades, já que como adolescentes estão em um momento de formação da personalidade e, por isso, internalizam facilmente os discursos sobre padrões estabelecidos pela mídia e pela sociedade em geral como o ideal, o que faz eles se sentirem a margem de outros grupos. Percebe-se uma relação de poder/saber que se materializa nas práticas discursivas dos estudantes que praticam o *bullying* como discursos de verdade sobre padrões pré-estabelecidos. Os que humilham os seus pares assumem a posição de sujeitos “normais” enquanto as vítimas, que estão no lugar dos humilhados, são os “anormais”, ou seja, muito magros, muitos gordos, pele escura, defeitos físicos, sexualidade, odores, baixo poder aquisitivo. Dessa forma, pode-se dizer que o discurso sobre o *bullying* se inscreve em uma formação discursiva que produz um efeito de sentido em que se reconhecem as diferenças e a exclusão e, de certa forma, naturaliza os atos de humilhação. Conforme explica Foucault (1976/2011), os discursos que sustentam essa ideia operam de uma forma estratégica com mecanismos de controle e de normalização.

De acordo com Pierre Ansart (2005, p.15), a humilhação é “uma situação particular na qual se opõem, em uma relação desigual, um ator (individual ou coletivo) que exerce uma influência, e, do outro lado, um agente que sofre esta influência.”. Neste sentido, a situação humilhante é racional, e comporta uma agressão na qual um sujeito (individual ou coletivo) fere ou ultraja uma vítima, sem que haja reciprocidade. Para esse autor, a humilhação ocorre de forma provisória, pode ser reparada por uma resposta à altura da agressão recebida; ou de forma não reparada, que é essencialmente desigual, frequentemente durável, na qual, o domínio é exercido em proveito do agressor em detrimento da vítima. No segundo tipo, a vítima é exposta a uma situação contrária às suas expectativas ou aos seus desejos, uma situação que para ela não tem sentido.

Segundo Ansart (2005), a humilhação não pode ser tratada sob a ótica das

paixões individuais, mas na perspectiva das relações de poder que envolvem grupos em situações de dependência. A partir das colocações de Ansart, é possível entender a humilhação como um discurso que envolve relações de poder e que se produz a partir da violência, seja física ou psicológica como apresentado a seguir:

“Eu sofri bullying durante o ensino médio. Eu era excluída e as pessoas não gostavam de ficar próximo de mim e quando eu chegava perto delas, elas se retiravam ou faziam que eu saísse. Isso começou porque em um dia de educação física eu havia esquecido de passar desodorante e devido isso fiquei com um odor um pouco forte. Por causa disso eu sofri bullying por quase um ano. Depois disso não consegui fazer amigos com facilidade. Atualmente não sofro mais bullying, sofro apenas as consequências”.

“Já sofri, durante todo o meu ensino fundamental, tive que fazer acompanhamento com psicólogo; E agora no Ensino Médio, tive depressão, e voltei o tratamento com a psicóloga, juntamente com apoio de calmante. Sento-me, rejeitada dentro de sala de aula, queria até sair da escola, algumas pessoas fazem com que outras se afastem de mim, o motivo não sei.... Recebo agressões verbais e as pessoas (alguns colegas de sala) só falam comigo quando precisam de algo”.

Com este estudo, pôde-se comprovar que vivemos em uma sociedade normalizadora. As vítimas do *bullying* são geralmente descritas como pessoas que apresentam alguma diferença em relação ao grupo, como uma característica física, ou portadora de alguma limitação física ou mental, não possuir objetos de consumo que indicam status socioeconômico superior e estar fora do padrão heteronormativo.

Nesses relatos, percebe-se que essas formas de violência trazem um prejuízo emocional e psicológico tão ou mais grave quanto à violência física e devem ser combatidas na escola com a mesma força que qualquer outro tipo de violência.

5 | CONCLUSÕES

Este estudo, após a análise de dados, pontua que a discriminação é o pano de fundo do *bullying* entre pares. Esse é um dos maiores desafios na luta pelos direitos humanos e um problema que acreditamos ser de todos. É possível que as atitudes discriminatórias das crianças e jovens sejam imitadas e aprendidas no mundo adulto, no ambiente onde eles se desenvolvem, onde vivenciam situações de abuso de poder e de desigualdades.

Acreditamos que é preciso pensar em um modelo educacional que deixe de reproduzir a lógica de exclusão, pois o *bullying*, no contexto da escola, compromete a inclusão educacional e a qualidade de ensino, já que os conflitos referentes às diferenças ganham contornos mais expressivos neste contexto. É no ambiente escolar, depois do ambiente familiar, que ocorre o processo mais importante de socialização, é, também, um lugar de embates e enfrentamentos em relação à aceitação das diferenças. O ambiente escolar deve buscar alternativas para que deixe de ser reprodutor de injustiças para ser um espaço de transformação.

Enfatizamos que o papel da escola, na luta contra a intolerância, é fundamental

e diz respeito a todos os cidadãos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; Rua, M. G.. **Violências nas Escolas**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, M.; Castro, M. M. **Ensino Médio: múltiplas vozes**. Brasília: UNESCO, MEC, 2003.

ABRAMOVAY, M. ; CASTRO, M. G.. **Caleidoscópio das violências nas escolas** (Séria Mania de Educação). 1. ed. Brasília: Missão Criança Editora, 2006.

ANDRADE, M.. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 6ª Ed., São Paulo: Atlas, 2003.

ANDRÉ, M. E. D.. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

ANSART, P. **As humilhações políticas**. In: MARSON, Isabel & NAXARA, Márcia. Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras. Uberlândia, EDUFU, 2005.

BAUER, M. W. & ALLUM, N. C.. **Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões**. In: BAUER, Martin W. & GASKEL, George (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p.17– 36.

BRUNER, E. M. Introduction: **The ethnographic self and the personal self**. In BENSON, Paul (ed), *Anthropology and Literature*. Urbana: University of Illinois Press, p. 1 – 26. 1993..

DESLANDES, S. F. , NETO, O. C., Gomes, ROMEU & MINAYO, M. C. (orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: rio de Janeiro: vozes, 1994.

DENZIN, N.K. & LINCOLN, Y. S.. **O sétimo momento - Deixando o passado para trás**. In: DEZIN, Norman K. & LINCOLN, Y. S. (orgs.) *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2ª ed. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, p. 389 – 406, 2006.

ELJACH, Sonia. **Violencia escolar en América Latina y el Caribe Superficie y fondo**. UNICEF, 2011.

FOUCAULT, M.. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. (Original publicado em 1969), 2008.

FOUCAULT, M.. **A ordem do discurso**. São Paulo, SP: Edições Loyola. (Original publicado em 1970), 2008.

FOUCAULT, M.. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo, SP: Graal. (Original publicado em 1976), 2011.

GREGOLIN, M. R V.. Michel Foucault: **O discurso nas tramas da história**. In C. A. Fernandes & J. B. C. Santos (Orgs.), *Análise do discurso: Unidade e dispersão* (pp.19-42). Uberlândia, MG: Entremeios, 2004.

GREGOLIN, M. R.. **Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: Mídia e produção de identidades**. Texto apresentado no II Seminário de Análise do Discurso (SEAD), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

GREGOLIN, M. R.. **AD: descrever-interpretar acontecimentos que fundem linguagem e história.** In P. Navarro (Org.), Estudos do texto e do discurso: Mapeando conceitos e métodos (1ª ed., pp. 19-34). São Carlos, SP: Claraluz, 2007.

LEMOS, Anna Carolina Mendonça. **Uma visão psicopedagógica do bullying escolar.** Rev. Psicopedagogia. V. 24(73): 68-75, 2007.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde** (12º ed.). São Paulo, SP: Hicitec, 2010.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-465-8

